

#179

SEU
DINHEIRO

247

A SUA REVISTA DE FINANÇAS PESSOAIS

AS BLUE CHIPS EM 2015

*O que esperar das 10 maiores
empresas da Bovespa no próximo ano*

**BOLA
DE CRISTAL**
COPOM REDUZINDO
JURO E PETRÓLEO A
US\$ 80: AS PREVISÕES
PARA 2015

**CIDADE
DOS SONHOS**
PARIS É
'DESTINO-
DESEJO' DOS
BRASILEIROS

**POUPANDO PARA O
FUTURO**
PREVIDÊNCIA PRIVADA
TAMBÉM PODE SER
USADA PARA PAGAR
ESTUDOS

**PREPARE-SE PARA O
IPHONE 7**
O QUE VOCÊ PRECISA
SABER SOBRE O
NOVO SMARTPHONE
DA APPLE

OFERECIMENTO:
CAIXA
SEGUROS

O QUE ESPERAR DAS 10 MAIORES EMPRESAS DA BOVESPA EM 2015?

Encerrando o ano com desempenhos bastante diferentes, empresas como Petrobras e Vale entram em 2015 repleta de dúvidas, enquanto bancos e Cielo estão entre as principais recomendações



2014 foi um ano atípico para o setor financeiro na Bolsa, principalmente por conta da volatilidade causada pelas eleições

Mais um ano termina e a Bolsa não entregou o retorno que os investidores queriam. Com queda acumulada de cerca de 4% em 2014, mais uma vez o Ibovespa perdeu para a renda fixa em rentabilidade, em um ano marcado principalmente pelas eleições presidenciais - e todas as consequências que as idas e vindas de candidatos trouxeram ao mercado de ações.

Entre as maiores empresas da Bolsa, 2014 foi bastante contraditório: muitas delas seus menores patamares da década - como é o caso de Petrobras e Vale, enquanto outras foram renovando suas máximas históricas na Bolsa, como os bancos privados e a Cielo. Mas o que esperar de 2015 para os maiores companhias da bolsa brasileira?

Além do maior valor de mercado, as grandes empresas costumam ter a maior base de acionistas, e a perspectiva para o futuro delas ajuda a

identificar o sentimento dos investidores para o mercado brasileiro. E como elas têm as maiores participações na composição do Ibovespa, um cenário positivo ou negativo pode refletir em altas ou baixas para o principal índice da BM&FBovespa.

Confira abaixo o que esperar das 10 maiores empresas da Bolsa em 2015:

1. Ambev (ABEV3, R\$ 250,60 bilhões de valor de mercado)

Praticamente sem sair de lugar na Bolsa desde o final de 2012 - de lá pra cá, a ação da Ambev tem oscilado entre R\$ 14,50 e R\$ 17,80 -, a maior distribuidora de bebidas do Brasil encerra o ano com algumas questões a serem resolvidas e que causaram muitos temores aos investidores nos últimos meses, principalmente com o efeito abaixo do esperado da Copa do Mundo e a decisão sobre os novos impostos sobre bebidas frias.

Para a equipe do JP Morgan, a produtora de bebidas desapontou em seus resultados tanto no 2º quanto no 3º trimestre, levando a projeção para os três últimos meses do ano também para baixo, com a expectativa de queda no Ebitda (sigla em inglês para lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização). “O ano fiscal de 2015 também parece pior na medida em que o real mais fraco aumenta os custos de hedge para o quarto trimestre de 2015”, afirmam os analistas do banco, em relatório feito em 11 de novembro.

Segundo o JP, a maior participação nos volumes via latas de alumínio é um problema estrutural e difícil de reverter, o que torna o cenário preocupante dado o provável aumento no preço do alumínio de mais de

Do Infomoney

dois dígitos para o próximo ano. Além disso, os problemas de água e de energia no Brasil podem acabar prejudicando a companhia em 2015. Por fim, o banco não enxerga um catalisador de curto prazo que possa elevar o preço das ações do patamar atual.

2. Itaú Unibanco (ITUB4, R\$ 181,50 bilhões)
3. Bradesco (BBDC4, R\$ 147,78 bilhões)
6. Banco do Brasil (BBAS3, R\$ 69,77 bilhões)
9. Itaúsa (ITSA4, R\$ 58,95 bilhões)

2014 foi um ano atípico para o setor financeiro na Bolsa, principalmente por conta da volatilidade causada pelas eleições. Mas dentro dos fundamentos dessas empresas, o ano também teve seus destaques, principalmente com a elevação dos “spreads” (diferença entre a taxa cobrada para tomar dinheiro emprestado e para emprestar) em um cenário que não houve o aumento da inadimplência, o que favoreceu para melhores resultados, é o que destaca o analista da Ativa Corretora, Lenon Borges.

Segundo ele, 2015 não deve ser um ano em que as carteiras de crédito apresentem muita melhora - lembrando que entre janeiro e outubro de 2014 as carteiras caíram de 14,8% para 2,9%. Borges afirma ainda que o próximo ano tenha nova alta dos spreads, mas que dessa vez ela venha acompanhada da volta da inadimplência.

No caso do Itaú, os analistas do Brasil Plural, após participarem de evento do banco, destacaram que a gestão da companhia está confiante de que estão preparados para

enfrentar as dificuldades macroeconômicas. Segundo eles, a estratégia do Itaú para os próximos anos está baseada em um tripé, que envolve a concentração em um mix de produtos de menor inadimplência; a ênfase em produtos “asset-light” (como cartões por exemplo); e também um esforço constante para melhorar a eficiência e reduzir os custos. Por conta disso, o Brasil Plural reitera o Itaú como seu preferido no setor.

No caso da Itaúsa, o desempenho das ações é praticamente o mesmo do Itaú, já que a companhia é controladora do banco, que corresponde a maior parte do negócio dela. Dessa forma, o desempenho do Itaú acaba tendo grande impacto em sua holding, da mesma forma que as projeções acabam sendo as mesmas para as duas companhias.

Enquanto isso, no grupo, é importante destacar que o Banco do Brasil nem sempre segue as mesmas regras, já que diferente dos outros, ele tem participação do governo.

Diante disso, Borges ressalta que o BB pode sofrer mais que o Itaú e o Bradesco, verificando um aumento maior da inadimplência em 2015. Além disso, segundo ele, por ser estatal, o banco tem menor liberdade para se ajustar aos cenários econômicos, não podendo tomar medidas de forma “independente”.

4. Petrobras (PETR3; PETR4, R\$ 125,32 bilhões)
- Eleições, corrupção, escândalos e processos. Esse foi o conturbado ano de 2014 a Petrobras, que entra em 2015 lotada de problemas. Caminhando para fechar 2014 com perdas de 40%, o próximo ano deverá ser

Do Infomoney

difícil para a companhia independente das políticas macroeconômicas a serem adotadas, mesmo com as boas notícias após a eleição, como o reajuste de 3% para a gasolina e de 5% para o diesel, escreveram os analistas Luiz Carvalho e Filipe Gouveia, do HSBC, em relatório de novembro.

Talvez a Petrobras seja uma das empresas mais complicadas de se fazer alguma projeção, já que temos visto tantos processos, escândalos e o atraso da divulgação dos resultados. Mesmo assim, uma coisa é certa, a corrupção na estatal obrigará a empresa a republicar os balanços de 2014 e de anos anteriores, provavelmente gerando baixas contábeis. Segundo o Morgan Stanley, no cenário mais pessimista, a estatal pode lançar como prejuízo até R\$ 21 bilhões em investimentos ruins. Dependendo do tamanho do rombo, os pagamentos futuros de dividendos podem ser comprometidos.

Outro possível problema é que, se não republicar os balanços com a aprovação da auditoria PwC, a estatal correrá o risco de perder a tradicional janela para captações de recursos no exterior, no início de cada ano. Segundo cálculos do Credit Suisse, a empresa precisará captar entre US\$ 15 bilhões e US\$ 20 bilhões em 2015 – metade disso costuma ser feito já em janeiro. A previsão de divulgação do balanço auditado é 30 de janeiro.

“Se você investe em Petrobras e quer se livrar dos papéis no curto prazo, alguma boa sinalização da nova equipe econômica pode levar a um rali e criar uma oportunidade para vendê-los. Mas o preço em que os ativos se encontram

também pode representar uma ‘barganha’ se considerado um cenário mais longo – mas só se a companhia iniciar uma verdadeira ‘limpeza’, mudar os rumos de governança e adotar uma transparência maior. É um investimento altamente especulativo”, afirma Frederico Mesnik, sócio-gestor da Humaitá Investimentos.

5. Vale (VALE3; VALE5, R\$ 107,46 bilhões)

Com desvalorização de 40% em 2014 e chegando às suas mínimas na Bolsa desde 2009, a grande questão da Vale envolve o preço do minério do ferro, principal produto da companhia e que nos últimos meses despencou de valor. Para Luciano Siani, diretor de relações com investidores da Vale, a grande questão é como os preços vão se comportar daqui para frente. Segundo ele, enquanto o mercado não entrar em um acordo sobre esse ponto, as ações devem continuar sofrendo.

Boa parte dos analistas concorda com esse raciocínio, mas nem todos esperam uma alta representativa nos preços em breve. Entre as 20 casas de análise acompanhadas pela Bloomberg, a mediana das projeções indica uma leve melhora para o minério de ferro no próximo ano, com a cotação atingindo US\$ 98, mas caindo para US\$ 95 entre 2016 e 2018. A Vale também deve realizar mudanças importantes em seus negócios em 2015.

O analista Bruno Piagentini, da Coinvalores, destaca que a mineradora tenta reduzir sua alta exposição ao minério de ferro e aumentar a produção dos chamados “metais básicos” (cobre, níquel, alumínio, chumbo, zinco e estanho), o que deve ajudá-la a contornar os problemas do preço do minério. Mas, segundo Pia-

Do Infomoney

gentini, o mais importante são os projetos em Carajás, no Pará. Dois grandes negócios estão sendo desenvolvidos na região, considerada a mais rica área mineral do mundo – a Vale começou a explorar Carajás na década de 1980. O primeiro projeto é o S11D, uma nova mina que vai aumentar significativamente a produção de minério na região. Segundo o diretor de RI da Vale, todas as licenças de implantação já foram obtidas e a expectativa é que a mina acrescente 90 milhões de toneladas à produção da Vale no final de 2016, chegando assim a 370 milhões de toneladas. Ao mesmo tempo, a Vale também irá ampliar sua atual mina em Carajás - a licença prévia já foi obtida.

Por outro lado, esses projetos farão com que a empresa precise apertar o cinto. “Serão anos de crescimento, mas os investimentos elevados trarão um grande desafio para nossa gestão”, explica o diretor. Segundo ele, o que mais deve consumir caixa é o projeto S11D, já que serão necessários elevados investimentos até que a mina opere a plena capacidade. Ou seja, 2015 pode ser um ano bastante desafiador para a Vale, mas a expectativa é que a partir de 2016 o cenário melhore bastante e os retornos sejam altos.

7. Cielo (CIEL3, R\$ 63,52 bilhões)

Com alta de 27,51% em 2014, a Cielo segue como a “co-top pick” do Brasil Plural - juntamente com os papéis do BB Seguridade. “Continuamos entusiasmados com o potencial de investimento da Cielo, [...] e continuamos otimistas sobre a criação de valor potencial da Joint Venture de processamento de cartão anunciado recentemente com o Banco do Brasil”, afirmaram os analistas. Apesar do otimismo,

os analistas reduziram a expectativa de ganhos para ações, que agora tem um potencial de alta de R\$ 5,50, ou cerca de 14%.

Como alerta, os especialistas destacam que o resultado de quarto trimestre pode não ser tão positivo, o que não deve ser tratado como preocupação. “Advertimos os investidores de curto prazo para não terem uma reação exagerada dado os múltiplos elevados e os fracos volumes de cartão no quarto trimestre deste ano. Não negligencie os benefícios a longo prazo da Joint Venture”, destacaram.

O título do relatório (“A 5000m Long-Distance Champ, Not a 50m Sprinter”, ou seja, “Uma maratona de 5000 metros e não uma corrida de 50 metros”) já deixa claro o que a corretora espera para a Cielo, ou seja, no momento este é um investimento a ser focado no longo prazo e não em um período curto. Exatamente por esta razão a Cielo ainda é considerada a principal escolha para os analistas, mesmo que neste fim de ano e início de 2015 ela ainda apresente números fracos.

8. BB Seguridade (BBSE3, R\$ 62,20 bilhões)

Com o melhor desempenho em 2014 entre as maiores empresas da Bolsa - alta de mais de 32% no ano -, a BB Seguridade segue muito bem vista pelos analistas, apesar dos alertas de que o próximo ano pode marcar uma “freada” da ação. A equipe do JP Morgan vê boas perspectivas de crescimento para a companhia no curto prazo, mas também destacam que a recuperada nos balanços da empresa vistos em 2014 não deve se repetir no próximo ano.

Do Infomoney

Isso posto, eles mantêm a recomendação neutra para os papéis BBSE3, com uma leve redução em R\$ 2,00 no preço-alvo para 2015, para R\$ 35,00 - atualmente a ação é cotada na faixa de R\$ 30. “Calculamos nosso modelo presumindo um crescimento ligeiramente mais baixo para o primeiro semestre de 2015”, destacam os analistas. “Em nosso ponto de vista BB Seguridade ainda tem boa dinâmica de crescimento como resultado da baixa penetração da indústria de seguros no Brasil”, completam.

Apesar das boas perspectivas, eles destacam que o crescimento extraordinariamente rápido que a empresa postou recentemente, impulsionado pela baixa penetração do Banco do Brasil, deve desacelerar em 2015 e 2016.

10. BRF (BFRS3, R\$ 56,19 bilhões)

Assim como a Cielo, a BRF é a única do “Top 10” da Bovespa que subiu 30% em 2014. Recentemente o Bank Of American Merrill Lynch rebaixou a recomendação para as ações da BRF de compra para neutra, após rali do papel nos últimos dois meses, o que reduziu o potencial de valorização da ações sobre o preço-alvo do banco, de R\$ 70,00. Em relatório, os analistas avaliam que a relação risco/retorno do papel deixou de ser atrativa, sendo que eles destacam ainda que esperam que a oferta de frangos no mundo aumente no próximo ano, principalmente, nos Estados Unidos, o que deixa a equipe cautelosa.

Enquanto isso, a equipe da Citi Corretora destaca a apresentação da companhia ocorrida em novembro, onde o

CFO da empresa, Augusto Ribeiro, sugeriu que normalização da margem Ebit de exportação para 2015 pode ser acima de 8%. “Em nosso ponto de vista, isso parece um pouco mais otimista do que o de mensagens que recebemos durante o BRF Day em NY”, destacaram os analistas.

“Embora a gestão tenha citado uma recente fraqueza nas exportações para a Rússia e um aumento sequencial nos preços do milho, o CFO ressaltou que a rentabilidade do negócio de exportação não deve cair de volta para a baixa margem de um dígito, como visto no quarto trimestre de 2013”, completaram os especialistas.

COPOM REDUZINDO JURO E PETRÓLEO A US\$ 80: QUAIS SERIAM AS SURPRESAS PARA 2015?

Petróleo pode se recuperar e ir a US\$ 80 o barril, enquanto alguns emergentes poderiam subir juros e outros, reduzir; veja as surpresas para o próximo ano



O ano de 2014 está acabando, mas 2015 pode reservar muitas surpresas para os investidores (assim como o ano que está terminando reservou).

E o que o ano que começa pode ter de surpreendente para os investidores? O Citi pediu à sua equipe de estratégia para dizer quais são as 10 “surpresas” para os mercados emergentes para o próximo ano. Confira abaixo:

1) Petróleo pode se recuperar e ir a US\$ 80 o barril: depois de ficar levemente abaixo dos US\$ 50 no início de 2015, a Opep (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) decidiria que já causou danos o bastante a indústria de shale gas e anunciaria um corte na produção. A Arábia Saudita concorda com um corte na produção, entendendo que um relativamente pequeno corte pode levar a uma grande

Brasil pode cortar os juros de novo no 2º semestre

resposta de preço, aumentando o orçamento do país.

2) México: sem impulso. O crescimento dos Estados Unidos vai decepcionar em 2015, uma vez que lentamente torna-se evidente que os EUA não podem escapar do ambiente de fraco crescimento mundial. Isso adia a primeira alta de juros do Fed para o final de 2015. Ao mesmo tempo, o crescimento no México também decepciona à medida que se torna claro que a ambiciosa agenda de reforma vai levar muitos anos para se concretizar.

3) Colômbia vai cortar juros. Em meio ao cenário bastante incerto sobre os preços do petróleo, com o peso colombiano mais estável, a inflação acaba por ter um peso surpreendentemente limitado, o que deve levar com que o Banco Central corte as taxas de juros em 75 pontos-base no segundo semestre de 2015.

4) Brasil pode cortar os juros de novo no 2º semestre. Depois de levar as taxas de juros até 12,5% ao ano em meio às pressões inflacionárias persistentes, a combinação do aperto fiscal, de mais fracos resultados do crédito em um movimento de estagnação e uma rápida deterioração do mercado de trabalho podem fazer com que o Banco Central volte a cortar os juros. “Isso obrigará o Banco Central a reduzir as taxas no segundo semestre em 200 pontos-base”, afirma.

Do Infomoney

5) China: o renminbi vai se enfraquecer para além dos 6,30. Mesmo que 2014 seja o primeiro ano em que a moeda chinesa se deprecie em relação ao dólar norte-americano desde 1994. Mais saídas de capitais da China podem acontecer.

6) Malásia mantém taxas: apesar de um choque de inflação, a economia doméstica fraca e os preços das matérias-primas devem fazer com que o Banco Central fique hesitante sobre apertar as condições monetárias.

7) Índia corta taxa de juros em 200 pontos-base (ou mais!): de forma a reconstruir a credibilidade da rúpia, o Banco Central estaria convicto de sua linha hawkish (mais duro), o que dificultaria as expectativas de um aperto monetário. Contudo, uma vez que a batalha contra a inflação “estaria ganha”, o crescimento lento pode se tornar uma regra desagradável.

8) Rússia vai ver o rublo apreciar e voltar para os 48 a 50. Segundo o Citi, o mercado agora se prepara para uma tendência de depreciação do rublo à medida que a economia desacelera e os preços de petróleo continuam em queda. Contudo, se a OPEP reagir e cortar a produção e o Banco Central surpreender o mercado com uma postura mais agressiva e um plano sistemático de longo prazo para conter a necessidade de dólares no mercado, o rublo pode ter um movimento de correção e se valorizar.

9) Saída de estrangeiros: se por um lado, espera-se que o Fed vai manter os juros, a expectativa de alta dos juros nos EUA pode fazer com que haja uma saída dos estrangeiros dos países emergentes.

10) Turquia pode aumentar o ritmo de alta das taxas de juros: em meio a depreciação da lira, o país pode apertar o ritmo no primeiro trimestre ao elevar os juros.

**PREVIDÊNCIA
PRIVADA
TAMBÉM
PODE SER
USADA
PARA PAGAR
ESTUDOS**

Seja para custear uma faculdade ou uma especialização no exterior, planos de previdência privada são cada vez mais contratados visando objetivos educacionais



Soraia afirma que os planos de previdência para menores, lançados de maneira pioneira pela Brasilprev em 1997, são uma alternativa atrativa de investimento

Foi-se o tempo em que planos de previdência privada eram um tipo de investimento voltado exclusivamente para a aposentadoria. Pesquisas da Brasilprev, uma das maiores empresas desta indústria, mostram que pais, avós e tios contratam este produto visando, prioritariamente, custear projetos educacionais para filhos, netos e afilhados.

“A maioria dos pais, avós e tios menciona a educação como prioridade para usufruir dessas reservas, com a diferença de que as classes A e B tem foco nas especializações, mestrados e intercâmbio, enquanto as classes C e D pretendem investir na primeira formação desse menor”, comenta a gerente de Inteligência e Gestão de Clientes da Brasilprev, Soraia Fidalgo. Ela ainda complementa que para esses dois últimos estratos sociais, nota-se a vontade dos pais de pro-

porcionarem aos menores algo que eles mesmos não tiveram, com a esperança de que cresçam na vida e tenham melhores oportunidades.

Hoje, na base de clientes da Brasilprev, os planos Junior representam 37% do total. Só nos últimos quatro anos houve aumento de 22% nesse número e uma evolução de 31% no valor médio das contribuições mensais, que atualmente é de R\$ 131. Soraia afirma que os planos de previdência para menores, lançados de maneira pioneira pela Brasilprev em 1997, são uma alternativa atrativa de investimento. Afinal, além de incentivarem a disciplina e educação financeira dentro de casa, fazem com que importantes projetos se tornem viáveis com a sensação de menor sacrifício. “Como o foco do produto são períodos maiores, há um longo horizonte de tempo para a acumulação de recursos, o que faz com que os aportes mensais estejam adequados à renda da família e, ao mesmo tempo, sejam suficientes para a realização do objetivo. Com o passar dos anos, a soma desses valores e a rentabilidade gerada trarão ganhos importante à reserva, que poderão fazer grande diferença no início da vida adulta deste menor”, finaliza.

Abaixo, alguns exemplos de projetos e simulações que ilustram a flexibilidade e acessibilidade do produto. As simulações trazem os valores mensais necessários a serem investidos por 18 anos em um plano de previdência para que diferentes tipos de projetos educacionais sejam viabilizados:

Do Infomoney

Cursos técnicos

Contribuição mensal ao plano de previdência – R\$ 25,00*

Para curso de valor total estimado em R\$ 5 mil;
Contribuição mensal ao plano de previdência R\$ 31,35

Para curso de valor total estimado em R\$ 12 mil

Graduação popular

Contribuição mensal ao plano de previdência – R\$ 78,37

Para curso de valor total estimado em R\$ 30 mil;
Contribuição mensal ao plano de previdência R\$ 117,55

Para curso de valor total estimado em R\$ 45 mil

MBA

Contribuição mensal ao plano de previdência – R\$ 26,12

Para curso de valor total estimado em R\$ 10 mil;
Contribuição mensal ao plano de previdência R\$ 156,73

Para curso de valor total estimado em R\$ 60 mil

Intercâmbio EUA

Contribuição mensal ao plano de previdência – R\$ 44,41

Para curso de valor total estimado em R\$ 17 mil;
Contribuição mensal ao plano de previdência R\$ 83,59

Para curso de valor total estimado em R\$ 32 mil

Pós-Graduação EUA

Contribuição mensal ao plano de previdência – R\$ 287,35

Para curso de valor total estimado em R\$ 110 mil;

Contribuição mensal ao plano de previdência R\$ 365,71

Para curso de valor total estimado em R\$ 140 mil

*R\$ 25,00 reais é o mínimo de contribuição nos planos VGBL da Brasilprev, neste caso o montante será de R\$ 9570,34, tendo a participante R\$ 4.570,34 a mais para outros projetos de vida;

**Considerando 6% a.a de rentabilidade, e desconsiderando qualquer tipo de carregamento;

***Os cálculos aqui apresentados são mera estimativas, não gerando obrigações a Brasilprev

PARIS É 'DESTINO-DESEJO' DOS BRASILEIROS PARA 2015

*Rio de Janeiro, Fortaleza, Gramado, Porto Seguro e
Fernando de Noronha também aparecem na lista*



Paris é um dos destinos mais populares do mundo todo e não à toa foi apontado pelos brasileiros que participaram da pesquisa “Férias de Final de Ano”, da Hoteis.com, como a viagem dos sonhos para 2015.

De forma geral, os destinos domésticos e os europeus foram a maioria, representando 50% da lista. Entre as cidades brasileiras estão Rio de Janeiro, Fortaleza, Gramado, Porto Seguro e Fernando de Noronha.

Na América Latina, com exceção às cidades brasileiras, Cancún, no México, foi a melhor posicionada, ficando na 7ª colocação. Já Machu Picchu, no Peru, ganhou popularidade depois de ter sido cenário para a novela “Amor à Vida”, da rede Globo, e apareceu em 17ª. Buenos Aires, na Argentina, que é uma ótima opção para uma escapada nos feriados prolongados,

viajantes estão
mais abertos
a ter novas
experiências e
**expandir
seus
horizontes**

ficou em 20º lugar.

Segundo o diretor de Marketing da Hoteis.com para a América Latina, Juan Pasquel, geralmente, destinos nos Estados Unidos são os mais populares entre os brasileiros. “É muito interessante ver Paris e outras localidades europeias ganhando destaque, além de países como Japão e Austrália. Isso mostra que os viajantes estão mais abertos a ter novas experiências e expandir seus horizontes”, afirma.

Confira a lista completa de destinos-desejo de 2015 para brasileiros:

Posição	Destinos
1º lugar	Paris
2º lugar	Itália
3º lugar	Nova York
4º lugar	Orlando
5º lugar	Londres
6º lugar	Grécia
7º lugar	Cancún
8º lugar	Rio de Janeiro

Viajar

Do Infomoney

9° lugar	Fortaleza
10° lugar	Espanha
11° lugar	Las Vegas
12° lugar	Austrália
13° lugar	Dubai
14° lugar	Gramado
15° lugar	Japão
16° lugar	Miami
17° lugar	Machu Picchu
18° lugar	Porto Seguro
19° lugar	Fernando de Noronha
20° lugar	Buenos Aires

Confira o ranking global dos destinos-desejo de 2015:

1° lugar	Estados Unidos
2° lugar	França

3° lugar	Itália
4° lugar	Japão
5° lugar	Austrália
6° lugar	Reino Unido
7° lugar	Espanha
8° lugar	Grécia
9° lugar	México
10° lugar	Tailândia
11° lugar	Nova Zelândia
12° lugar	Alemanha
13° lugar	Brasil
14° lugar	Canadá
15° lugar	Irlanda
16° lugar	Bahamas
17° lugar	Finlândia
18° lugar	China
19° lugar	Maldivas



IPHONE 7: O QUE VOCÊ PRECISA SABER SOBRE O NOVO SMARTPHONE DA APPLE

*Nome do dispositivo
ainda é dúvida até para
os especialistas; alguns
falam em 6S, outros em 7*



Os iPhones 6 e 6 Plus mal acabaram de chegar as lojas e já existem especulações sobre a próxima versão do dispositivo da Apple.

Segundo o site Value Walk, para começar, muitos esperam que o novo iPhone seja batizado de iPhone 7, mas muitos outros argumentam que a Apple vai chamá-lo de o iPhone 6S. Há outro rumor circulando de que a empresa de Cupertino pode lançar um iPhone de baixo custo, o 6C, assim como o 5C.

Fontes chegam a dizer que a empresa pode começar a lançar dispositivos novos duas vezes por ano, na tentativa de

iPhone 6S chegaria no primeiro semestre de 2015, enquanto o 7 seria lançado em setembro do ano que vem

lidar melhor com os concorrentes que apresentam lançamentos a cada trimestre.

Sendo assim, o iPhone 6S chegaria no primeiro semestre de 2015, enquanto o 7 seria lançado em setembro do ano que vem.

Tela

Depois de ter aumentado o display do seu smartphone, a Apple pode lançar um aparelho com tela menor, de 4 polegadas – destinado, especialmente, às mulheres. No entanto, outros analistas dizem que a tela deve aumentar e o novo iPhone irá exibir mais aplicativos no display.

Câmera

A expectativa é de que a câmera principal seja de 14 megapixels e a frontal seja de 4 megapixels. Além disso, o novo iPhone terá um sistema de duas lentes e visor de safira mais resistente.

O display de safira estava sendo planejado para o iPhone 6, mas o fornecedor GT Advanced Technologies não conseguiu entregar a tempo. Por isso, a Foxconn está investindo US\$ 2,6 bilhões na tecnologia.